



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7525 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

NOSSA ESCOLA É UMA ESCOLA INDÍGENA: O CONTEXTO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA, PERNAMBUCO)

Alexandre Evangelista da Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

NOSSA ESCOLA É UMA ESCOLA INDÍGENA: O CONTEXTO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA, PERNAMBUCO)

Resumo

Interpretamos a formação do guerreiro com base político-epistemológica do livro Xukuru: filhos da Mãe-Natureza (1997) num exercício da sociologia das ausências e das emergências de Santos (2002). E discussão teórica ancorados na epidermização e racialização de Fanon (2008), a consciência histórica e caráter dialógico com Freire (2016), a comunidade educativa de Meliá (1979), o manejo de recursos na escola indígena de Baniwa (2006), a interculturalidade de Candau (2013), as possibilidades dos modos “otros” e colonialidade da mãe-natureza nas pedagogias decoloniais por Walsh (2010), a centralidade do índio nas lutas epistêmicas de Rivera Cusicanqui (2010). Procedemos a análise de conteúdo de Bardin (1977) nas unidades temáticas de Vala (1989) por análise documental do PPP Xukuru (2005), estudo bibliográfico de TCCs e relatos de experiência numa roda de diálogo. Assim, analisamos o conteúdo produzido no trabalho pedagógico da formação do guerreiro na autoria intelectual e voz dos agentes da escola indígena Xukuru.

Palavras-Chaves: Formação do Guerreiro Xukuru; Modos “otros”; Interculturalidade; Saberes ancestrais Xukuru.

A educação escolar Xukuru

Nossa proposição ao Grupo de Trabalho da ANPED sobre Movimentos Sociais vincula-se à temática da educação escolar indígena na atuação de professoras, professores indígenas e membros ativos da sabedoria ancestral do povo Xukuru do Ororubá com o estudo das falas sobre o modelo da formação do guerreiro e guerreira.

Originários da Serra do Ororubá, os Xukuru são sobreviventes às investidas de fazendeiros hoje entre os municípios de Pesqueira e Poção (Pernambuco). Eles são predominantemente falantes da língua portuguesa, com poucas(os) detentoras(es) de algumas palavras do vocabulário ancestral, bastante integrados a sociedade nacional brasileira sem as características físicas coloniais como cor de pele parda ou cabelo liso. Portanto, indistinguíveis dos sertanejos e habitantes da região agreste. Consideramos as diferenças políticas e epistemológicas do povo Xukuru da área rural de Pesqueira, quando a escola indígena incorpora sua organização interna e a resistência cultural.

Assim, a escola responde aos interesses construídos pelos Xukuru na vivência com os parentes^[1] e não-indígenas. Esses interesses levam a formação de guerreiros e guerreiras enquanto sujeitos ativos na defesa do modo de vida, cultura e guardiões da resistência dos antepassados. Desta feita, não é uma escola fechada em quatro paredes caso da educação formal na sociedade dominante, mas no diálogo entre sabedoria dos mais velhos e lideranças internas (chefe político na função do cacique, a chefia religiosa do pajé, rezadeiras, benzedeiras, artesãos), as relações interculturais (com outros setores da sociedade portadores de aspectos culturais nacionais) de alunos e professoras(es) indígenas conectados ao território sagrado.

No entanto, a construção dessa escola é um desafio na oposição entre o novo modelo de organização dos povos indígenas e um conjunto de forças opressoras das elites dominantes. Portanto, a apropriação do lugar escola pelos povos indígenas se dá na educação escolar indígena, uma ponte com os não-índios, na articulação, mediação e tradução entre concepções opostas da perspectiva indígena e ocidental na fronteira atemporal e epistemológica na reconstrução da identidade étnica. E em transição às trocas da interculturalidade com o ensino bilíngue no exercício fundamental para preservação do modo de vida indígena. Dessa forma, a ideia de escola dentro de várias esferas da educação do branco e da escola ressignificada pelos indígenas, entre pólos opostos, convividos no mesmo lugar, distantes do sonho desejado, porém ao mesmo tempo um espaço não-opressor, inaceitável às destruições externas, soberano aos saberes tradicionais e ordem política interna em contato com outros setores da sociedade. Para Almeida (2001, p. 47) esse novo modelo de escola:

É um espaço de fronteira de comunicação entre a sociedade majoritária e os povos indígenas, porquê é o espaço do diálogo entre os saberes, da interculturalidade, constituindo-se, assim, um novo modelo de escola, onde se trabalha com a pluralidade de concepções, de saberes, de filosofias, sem marginalizar os processos de produção do conhecimento e os saberes indígenas.

Na profundidade da educação escolar indígena surgem contradições e esperanças. Desse modo, a partir do Projeto Político Pedagógico do Povo Xukuru (2005), autoria intelectual docente nos Trabalhos de Conclusão de Curso (formandos 2018) e relatos na voz da comunidade escolar Xukuru como ocorre a formação do guerreiro?

Para tanto, nosso objetivo geral compreende o alcance político-pedagógico e dos

saberes ancestrais nessas escolas. E como objetivos específicos entender estes três aspectos na perspectiva de fortalecimento político-cultural: a realidade da escola indígena observada na organização pedagógica, as relações interculturais e as lutas epistêmicas pela preservação da sabedoria ancestral nas atividades escolares.

Nossos procedimentos de pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa baseada nas vozes dos sujeitos, nas ressignificações políticas e culturais presentes na educação indígena para interpretação dos aspectos sociais. Para a construção dos dados empíricos abordamos três materiais de pesquisa. Primeiro, a análise documental com o Projeto Político Pedagógico do Povo Xukuru do Ororubá (2005) ou PPP Xukuru ao contrário das escolas não-indígenas cada qual com um PPP diferente, todas as escolas Xukuru são unificadas pelo mesmo projeto curricular escrito pelos docentes e lideranças do povo.

Segundo, a análise bibliográfica de cinco Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Pernambuco apresentados por professoras e professores Xukuru da segunda turma (2014-2018) na autoria acadêmica indígena: a gestão das escolas Xukuru (BISPO DE MELO XUKURU, 2018); a formação do guerreiro no papel comunitário dessa educação (AMORIM DA SILVA XUKURU, CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU e CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU, 2018); a preservação do dom da natureza na medicina tradicional pelos jovens (BARBOZA NOGUEIRA XUKURU e CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU, 2018); a horta escolar para preservação cultural e ambiental (GOMES FRAZÃO XUKURU, ARAÚJO DE FREITAS XUKURU e NOGUEIRA DOS SANTOS XUKURU, 2018); o contraste entre a realidade de ensino e as abordagens decoloniais analisadas nas escolas do Ororubá (NOGUEIRA DE SOUZA XUKURU, 2018). Apenas 5 dos 10 TCCs disponíveis para oportunidade de estudar outros materiais.

Terceiro, a pesquisa etnográfica no dia 9 de novembro de 2019 na Escola Estadual Intermediária Monsenhor Olímpio Torres localizada na Aldeia de Cimbres, cidade de Pesqueira, Pernambuco. A partir da roda de diálogo temos 123 minutos de áudio transcrito dos relatos de experiência com: um professor indígena coordenador geral das escolas Xukuru, uma professora indígena supervisora do Ensino Fundamental I (Séries Iniciais) e uma anciã ativa praticante da sabedoria ancestral Xukuru aluna de Educação de Jovens e Adultos (EJA Séries Finais do Ensino Fundamental II).

Para a realização deste estudo, utilizamos a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (1977) na compreensão de um mesmo assunto abordado em diferentes materiais escritos e nas vozes diretas dos sujeitos. Também, usamos as unidades temáticas para comparação das opiniões desses sujeitos, nas inferências de opiniões favoráveis e contrárias na análise de conteúdo com Vala (1990). Desta forma, trabalhamos o estudo dos povos indígenas com relevância às percepções do exemplo formativo entre a experiência de vida, escola e exercício da autoria indígena numa fluência não-diretiva.

Lentes teóricas latino-americanas

Para compreensão dos desdobramentos da educação escolar indígena trabalhamos as seguintes categorias de análise: formação do guerreiro Xukuru; sociologias das ausências e das emergências; decolonialidade; racialização e primitivização; consciência histórica e caráter dialógico; comunidade educativa; lutas epistêmicas; modos “otros” e colonialidade da natureza; interculturalidade e o manejo de recursos em Professores e Professoras Xukuru (1997), Santos (2002), Aguiar (2016), Fanon (2008), Freire (2016), Meliá (1979), Rivera Cusicanqui (2010), Walsh (2010), Candau (2013) e Baniwa (2006).

Coerentemente, trazemos para o centro da discussão teórica a autoria do Conselho de Professores e Professoras Xukuru do Ororubá (COPIXO) do livro basilar *Xukuru: filhos da mãe natureza: uma história de resistência e luta* (1997). Deste modo, tanto os aspectos políticos quanto epistemológicos estão representados nessa obra, a primeira publicada pelo povo Xukuru no exemplo de mobilização, união e ressignificação da cultura do povo. Nela, ressaltamos a formação do guerreiro surgido a partir de uma nova identidade indígena, praticante dos rituais, do respeito aos mais velhos, ao calendário específico do povo nas celebrações dos locais sagrados ao longo do território indígena, no sentimento da paz e defesa da terra-mãe.

Paradigmas emergentes como este representam outros arcabouços de organização social e conhecimento. Assim, o saber construído a partir da vida num novo caminho de confronto e transformação ao submisso paradigma dominante das elites latino-americanas é discutido pela sociologia das ausências – na criatividade e novas estratégias de organização social e das emergências – nos projetos existenciais de futuro construídos pela experiência e saberes acumulados ao longo da vida dos oprimidos estudados por Santos (2002). De forma semelhante, os intelectuais latino-americanos no viés decolonial preocupavam-se com as origens das opressões na colonialidade alojadas nas mentes dos povos oprimidos em mecanismos de controle político e cultural conforme Aguiar (2016).

Além disso, a formação do guerreiro Xukuru pode ser explicada pelas ideias da consciência histórica e caráter dialógico da educação enquanto ferramenta de autonomia. A consciência histórica fortalece a organização coletiva e interna nos próprios personagens, espaços, territórios, exemplos de vida no exercício da participação política combinados ao caráter dialógico na capacidade de comunicação direta, não-punitiva e tocante na transformação das mentes dos povos oprimidos muito discutidas por Freire (2016). Estes dois conceitos se aproximam da comunidade educativa existente no interior dos povos indígenas em uma educação mútua e recíproca no convívio familiar e comunitário, mais profundo do que a educação repetitiva e massificada diferenciadas por Meliá (1979).

Por sua vez, as barreiras nas negações da epidermização (diferença pela cor da pele negra ou raça na divisão social do trabalho compulsório) e desumanização (desvalorização da cultura dos povos oprimidos e negação intelectual) numa junção do contexto político e epistemológico na América Latina e Caribe pioneiramente estudados por Fanon (2008).

A partir desses elementos de negação ao mesmo tempo política e epistemológica temos as lutas epistêmicas enquanto reivindicações na composição de forças dos movimentos indígenas inspiradas nas lideranças do passado das lutas anticoloniais e a permanência da cultura possível pela vivência ou nível de envolvimento com a sabedoria ancestral, caso da filosofia Ch'ixi dos Aymara. Nisso, as lutas epistêmicas de retomada [2] da organização e cultura indígena levam a inversão de mundo, com o uso da sabedoria dos ancestrais, mobilização política no reconhecimento da diferença colonial e coexistência reflexiva e confrontativa. Na afirmação da socióloga e ativista indígena Rivera Cusicanqui (2010, p. 7) “coexisten em paralelo múltiples diferencias culturales, que no se funden sino que antagonizan o se complementan”.

Muito influenciada pelas lutas epistêmicas, as pedagogias decoloniais de Walsh (2010) são vistas aqui em dois desdobramentos. Os modos “otros” na vivência crítica, reflexiva e consciente das particularidades culturais, éticas, políticas, sociais, religiosas e diversas dimensões oprimidas desde as invasões coloniais convergem em projetos de vida insurgente no rompimento das hierarquias. E a colonialidade da mãe-natureza na força vital da natureza encantada irradiante do saber ancestral na valorização dos ensinamentos de equilíbrio harmônico com os seres não-humanos e espirituais.

Decorrente das próprias realidades das escolas indígenas surgiu a interculturalidade. O campo cultural interno do povo indígena e o externo da sociedade dominante mantém relações interculturais em currículos baseados nos aspectos epistemológicos próprios no caso do ensino bilíngue (ensino da língua ancestral e do idioma nacional). Também, o trabalho pedagógico exclusivo a professoras e professores indígenas, lideranças e anciões, busca por materiais didáticos e atividades curriculares para a autonomia nos tempos e espaços de ensino apontados por Candau (2013).

Uma importante experiência das escolas indígenas é o manejo de recursos na manipulação de experiências agrícolas, preservação ambiental e melhoria das condições de vida. Para isso, o bom uso da água, o equilíbrio das florestas, montanhas, fertilidade da terra sem agressão ao meio-ambiente e respeito à morada dos espíritos encantados dos ancestrais na salvaguarda também a cultura. Esta ferramenta pedagógica de autonomia atua na “recuperação de suas memórias históricas e a reafirmação de suas identidades étnicas e culturais e da valorização de suas culturas, assim como a preservação ambiental, o manejo de recursos naturais, a recuperação de áreas degradadas” nas palavras de Baniwa (2006, p. 155-156).

Resultados preliminares de nosso estudo

Estamos com a análise dos dados empíricos em andamento com vistas à formação do guerreiro no Projeto Político Pedagógico do Povo Xukuru (2005) válido em todas as escolas abordadas na construção de um(a) estudante defensor de seu povo e dos costumes ancestrais.

Decorrente disso, abordamos a autoria dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena (UFPE) como exercício de autonomia intelectual na discussão e resolução das próprias questões político-epistemológicas.

Para tanto, constatamos a realidade pedagógica pelo envolvimento de alguns representantes desta comunidade escolar, como os relatos de experiência de uma professora e um professor responsáveis pelo ensino no território indígena e a compressão da permanência da sabedoria ancestral na comunidade educativa Xukuru por uma aluna mais velha detentora do dom da natureza.

E o campo de análise conceitual nas categorias modos “otros”, práticas interculturais, lutas epistêmicas, os limites e possibilidades das pedagogias decoloniais e manejo de recursos neste contexto escolar.

Considerações finais

Logo então, contribuiremos nas discussões sobre a formação do guerreiro do povo Xukuru. Assim, as âncoras teóricas latino-americanas de olhares outros na formação do guerreiro dimensionam uma construção da autonomia no projeto político pedagógico baseado no acúmulo de experiência do povo impulsionada pelas lutas epistêmicas e sabedoria ancestral e não pela imposição de conteúdos genéricos contraditórios à formação necessária à educação escolar indígena.

E por conseguinte, apresentamos ainda a atuação dos próprios professores e professoras indígenas na tentativa de autonomia pedagógica, o exercício da organização hierárquica própria, tempos e espaços de ensino e também o potencial dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena (futuros materiais didáticos, livros e roteiro de atividades escolares). Conforme as necessidades fundamentais do povo para os jovens e demais educandas(os) no pertencimento e resistência político-cultural.

Somos receptivos a questionamentos e sugestões dos colegas professores e pesquisadores no aprofundamento de nosso estudo para eventuais mudanças no itinerário de pesquisa e desenvolvimento textual nas apresentações e debates no XXV Encontro de Pesquisa Educacional, Regional Nordeste (EPEN/ANPED).

Referências

AGUIAR, Jórissa Danilla Nascimento. Teoria Pós-Colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 21, n. 41, p. 273-289, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8659/6059>> :: Acesso em 28 set. 2019.

ALMEIDA, Eliene Amorim de. **A política de Educação Escolar Indígena: limites e possibilidades da escola indígena**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação. Recife: UFPE, 2001.

AMORIM DA SILVA XUKURU, Edeila, CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU, Raquel Aparecida, CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU, Roselly. **O/A guerreiro/a Xukuru: a concepção e formação fortalecida a partir da educação escolar indígena**. Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: UFPE, 2018.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano (Org.). **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento - LACED, 2006.

BARBOZA NOGUEIRA XUKURU, Cristiane, CORDEIRO DE OLIVEIRA XUKURU, Maria Aparecida. **Saberes tradicionais: os ensinamentos das benzedoras na vivência dos**

jovens Xukuru. Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: UFPE, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BISPO DE MELO XUKURU, Maria Marcela. **A gestão nas escolas do Povo Xukuru.** Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: UFPE, 2018.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educación intercultural crítica: Construyendo caminos. In: **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Serie Pensamiento decolonial. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2013.

CONSELHO DAS PROFESSORAS E PROFESSORES INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ (COPIXO). **Xucuru: filhos da mãe natureza: uma história de resistência e luta.** Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 1997.

CONSELHO DAS PROFESSORAS E PROFESSORES INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ (COPIXO). **Plantando a Memória do Nosso Povo e colhendo os frutos da nossa luta: o Projeto Político Pedagógico das Escolas do Povo Xukuru.** Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2005.

GOMES FRAZÃO XUKURU, Maria Aparecida, ARAÚJO DE FREITAS XUKURU, Rinaura Aparecida, NOGUEIRA DOS SANTOS XUKURU, Vania. **Os saberes tradicionais do povo Xukuru na horta escolar indígena.** Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: UFPE, 2018.

NOGUEIRA DE SOUZA XUKURU, Wyne. **As tensões entre a colonialidade e a decolonialidade no contexto da educação escolar Xukuru.** Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: UFPE, 2018.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** 1.ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

VALA, Jorge. Análise de conteúdo. In: SILVA, A. S., PINTO, J. M. (Org.). **Metodologias**

das Ciências Sociais. 4.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge, TAPIA, Luis, WALSH, Catherine (Org.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. Disponível em: <http://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural_150569_4_0204.pdf> :: Acesso em: 7 jun. 2019.

[1] A palavra parentes designa a comunidade dos povos indígenas latino-americanos.

[2] Retomada significa reconquista pelos povos indígenas dos espaços e práticas culturais ancestrais.